

# Esquerda tem o controle da Câmara

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

A bancada do PMDB na Câmara optou pela posição de centro-esquerda, dando maioria de votos ao candidato Luiz Henrique (SC), dos mais ligados a Ulysses Guimarães e Pimenta da Veiga. Vitorioso no primeiro turno, ontem ele disputou sozinho a liderança do partido, com a desistência do mineiro Milton Reis (moderado), e recebeu 187 votos, registrando 19 em branco, numa bancada de 265 deputados.

Milton Reis pretendia concorrer no segundo turno com o apoio de João Hermann (SP), terceiro coloca-

do na primeira votação, anteontem. Os coordenadores do candidato paulista, porém, sentiram que não poderiam assumir compromissos com Milton Reis, pois a preferência dos demais era por Luiz Henrique. Sem o acordo, Milton Reis retirou seu nome, evitando nova derrota.

A votação do segundo turno estava marcada para as 9h30 de ontem, no auditório Nereu Ramos, da Câmara. Pouco antes chegou ao local o deputado Milton Reis, comunicando ao líder Pimenta da Veiga sua desistência. Disse que iria preparar uma nota explicando a decisão, e o líder resolveu retardar o início da votação. Reis, entretanto, só retornou

duas horas depois, com uma nota amena, pessoal, de 11 linhas, considerando desnecessário submeter sua candidatura a um segundo julgamento, foi feita a eleição por aclamação, mas Luiz Henrique e Pimenta da Veiga arecusaram, defendendo nova votação.

Milton Reis decepcionou o líder do governo, Carlos Sant'Anna, que estava presente e a muitos que confiaram na sua previsão, de que teria pelo menos 160 votos. No primeiro turno só teve 80 votos — 23 a menos que Luiz Henrique, que somou 103. Os que desejavam, anteriormente, a renúncia de Reis para apoiar Carlos Sant'Anna, comentaram, ontem, que

se ele tivesse sido mais realista o quadro seria outro.

## DECEPÇÃO

Anteontem à noite, foram realizadas várias reuniões, de coordenadores das candidaturas Luiz Henrique, Milton Reis e João Hermann, mesmo fora do Congresso. Nas primeiras horas da manhã Reis e seus coordenadores tiveram a confirmação de que João Hermann iria apoiar Luiz Henrique, sob a alegação de que o deputado catarinense aceitara imediatamente as propostas do grupo, entre outras, a defesa da soberania da Constituinte, a unidade do partido, a democratização da bancada e o questionamento da política socioeconômica do governo.

Milton Reis e seus coordenadores ficaram decepcionados com João Hermann. "Ele falhou com a gente" — desabafou o candidato de Minas, sem esconder sua frustração, pois contava com o apoio do grupo do deputado paulista para superar Luiz Henrique. No caso, prevaleceu também a posição ideológica dos aliados de Hermann, que não admitiam acordo para eleger Milton Reis.

Deputados mineiros contaram que a demora na divulgação da nota do candidato desistente foi motivada, principalmente, pela necessidade de consultas, "até mesmo ao governador (eleito) Newton Cardoso". Além disso, a bancada mineira não

autorizou Reis a incluir na nota referências à sua condição de candidato do PMDB de Minas. Com a mudança, o parlamentar disse na nota que foi candidato a líder do PMDB assumindo a responsabilidade "em conjunto com companheiros do partido de todo o País que encamparam" sua proposta.

"Candidatura a líder não pode ser indicação de bancada regional, mas decisão individual" — disseram alguns deputados de Minas, com ressalva de que tentaram evitar que a derrota no primeiro turno e desistência no segundo possam atingir politicamente o governador eleito Newton Cardoso.

## O caminho do "neo-autêntico"

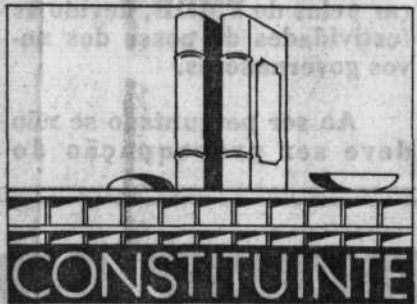
AGÊNCIA ESTADO

O deputado Luiz Henrique há muito aspira à liderança da bancada do PMDB na Câmara, mas esse sonho começou a se tornar realidade em dezembro, quando Pimenta da Veiga, a quem é ligado por laços políticos e de amizade, anunciou que não disputaria a reeleição. Concretamente, Luiz Henrique vem trabalhando nesse sentido há um ano e meio, desde que foi derrotado nas prévias do partido, que apontaram o nome de Pedro Ivo Campos para a disputa do governo de Santa Catarina.

Integrante do grupo neo-autêntico do extinto MDB, de 1975 a 1977, mesmo quando se afastou do Congresso para assumir a Prefeitura de Joinville, Luiz Henrique fez questão de se manter sempre em contato com os remanescentes daquela facção partidária, como Álvaro Dias, Jader Barbalho, João Gilberto, Walmor de Luca, Adhemar Santillo e Jorge Uequed, entre outros. Em janeiro deste ano, a convite do deputado Ibsen Pinheiro, participou de uma reunião da bancada peemedebista em Porto Alegre, da qual participava o governador eleito Pedro Simon. Saiu de lá com o compromisso fechado dos deputados. Começou, então, a viajar com mais frequência: compareceu à

diplomação dos deputados no Ceará, foi ao Rio e a São Paulo.

Fora da Câmara foi também colecionando apoio. Os governadores Jader Barbalho, do Pará, e Gonzaga Motta, do Ceará, trabalharam as bancadas de seus Estados. Atuaram no mesmo sentido o vice-governador eleito de São Paulo, Almino Afonso, o governador eleito do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, o do Espírito



Santo, Max Mauro, o do Mato Grosso do Sul, Marcelo Miranda, o de Goiás, Henrique Santillo, e o de Santa Catarina, Pedro Ivo. Também colaboraram o ministro Raphael de Almeida Magalhães e, através de seu filho, o deputado Henrique Eduardo Alves (RN), o ministro Aluizio Alves.

Num primeiro momento, Luiz Henrique teve o apoio de Pimenta da

Veiga, mas durante o recesso parlamentar, o ex-líder recuou, em função de problemas essencialmente mineiros. Depois do surgimento da candidatura de Carlos Sant'Anna, Pimenta manteve-se equidistante na disputa e só voltou a marchar ao lado do agora seu sucessor quando o Planalto resolveu indicar o ex-ministro da Saúde líder da maioria.

Quanto a Ulysses Guimarães, embora também se tenha mantido à margem da disputa, confidenciou ao deputado Virgildásio Sena (BA), quando se dirigia à cabine de votação, que votaria em Luiz Henrique.

## O MAIS VOTADO

Em seu terceiro mandato de deputado federal, Luiz Henrique, 46 anos, foi o candidato mais votado nas últimas eleições em Santa Catarina — 81.838 votos. Advogado e professor universitário, católico praticante e interlocutor privilegiado da Igreja, Luiz Henrique define-se como de centro-esquerda. Em recentes entrevistas, declarou-se favorável à extinção pura e simples do Senado, e é ferrenho adversário do decreto-lei, sendo autor da emenda constitucional que o sepulta. Hável negociador e conhecido por sua arte em aparar arestas, deverá usar a liderança como trampolim para chegar ao governo de Santa Catarina em 1990.



A bancada vota, Sant'Anna e Luis Henrique acertam ponteiros

## Henrique não quer líder da maioria

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O novo líder do PMDB na Câmara, deputado Luiz Henrique (SC), acha que não deve existir líder da maioria ou do PMDB na Constituinte. Ele defendeu a atuação dos líderes do partido na Câmara e no Senado junto à Assembléia Constituinte "no trabalho de coordenação", acrescentando: "não deve funcionar o voto de liderança na Constituinte".

Na bancada peemedebista na Câmara muitos acham que o líder no Senado, Fernando Henrique Cardoso, e o da Câmara, Luiz Henrique, poderão atuar como líderes do partido na Constituinte, principalmente na orientação das comissões.

Um problema que Luiz Henrique terá de enfrentar, desde logo, é o relacionamento entre o PMDB e o PFL. Na sua opinião, a Aliança Democrática deve ser preservada, pois o governo é de coligação. Frisou, contudo, que a cada ataque do PFL ao PMDB haverá o troco imediato. O deputado Miro Teixeira, um dos coordenadores da candidatura vitoriosa, confirmou a disposição da bancada de não deixar sem resposta as críticas do PFL ao PMDB. "Se necessário, haverá dois, três discursos por dia", observou.

O ex-líder Pimenta da Veiga também acha que a coligação deve ser preservada e evitados os ataques de um lado e de outro.

## FUNARO

Luiz Henrique, logo após assumir o cargo, às 16h15, informou à bancada que o ministro da Fazenda, Dilsen Funaro, aceitou convite para debater com os deputados do PMDB o quadro sócio-econômico.

"O ministro Funaro não virá fazer uma exposição professoral da política econômica do governo. Nosso convite, já aceito, é para examinar alternativas, abrir caminho à integração governo-PMDB", esclareceu o novo líder peemedebista, que recebeu telefonema do ministro da Fazenda, antes da apuração cumprimentando-o pela sua eleição.

No seu discurso, Luiz Henrique prestou homenagens a Pimenta da Veiga e elogiou a conduta dos ex-concorrentes Milton Reis e João Hermann. O líder do governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, assistiu a apuração, mas não fez qualquer comentário.

## Monarquista promete pôr fim aos caos

Quem ficou de boca aberta (por incredulidade ou diversão) com a proposta do deputado Cunha Bueno, de implantação do regime monarquista no Brasil, pode fechá-la. O monarquismo tem muitos adeptos no País e, quem diria, até um Partido Monarquista com registro provisório desde novembro do ano passado. O fundador do partido é o oficial da reserva da Força Aérea Bruno Macedo de Carvalho, que só não concorda com Cunha Bueno sobre o nome do herdeiro do trono brasileiro. Para ele, o monarca seria dom Luiz de Orleans e Bragança.

Orgulhoso de sua participação na II Guerra Mundial e no movimento de 64, Macedo de Carvalho acha que só o monarquismo resolveria o caos que se instalou no País. "O Brasil precisa da austeridade e seriedade de um monarca, porque ele não transige com a lei; é um puro", acredita. Segundo ele, pela situação atual brasileira, está provado que a República não é uma solução. "O que nós defendemos é uma monarquia parlamentarista. No início, sua majestade o imperador teria um poder fiscalizador sobre o Parlamento, para enfrentar esse tempo de escuridão que estamos vivendo; depois, deixaria o governo por conta do primeiro-ministro", explicou.

Macedo de Carvalho garante que os monarquistas lutam pacificamente por suas idéias. "Tomei parte de vários movimentos e revoluções, sempre estive pronto quando a Pátria precisou de mim, mas acho que o Partido Monarquista deve participar das eleições e tentar conquistar a população", comentou. Para ele, a proposta de Cunha Bueno deveria ser até discutida mais amplamente, mas desde já ele está certo de que 70% da população aprovaria a idéia, se estivesse realmente informada do que é o monarquismo.

A grande diferença com os políticos comuns, na sua opinião, é que o monarquismo está preocupado com os interesses da Pátria. "Nada parecido com os políticos que só pensam em ganhar mais", afirmou. Macedo de Carvalho, inclusive, detesta política, mas se considera um monarquista desde criança e um patriota. Ele próprio fez várias visitas em todo o País para organizar o Partido Monarquista e está encarregado da parte burocrática. "O presidente que eu escolhi (Armando Bampaio de Rezende Junior) está um pouco afastado das funções, por problemas pessoais", explicou. O vice-presidente Oto de Alencar Sá Pereira é um carioca, também escolhido por Macedo de Carvalho.

ANC 88  
Pasta 09 a 14  
fev/87  
079